O CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO ANTES DE JUSCELINO KUBITSCHEK

FELIPE GUSTAVO DO VALLE

RESUMO
Este artigo, parte de um trabalho de conclusão de curso sobre o processo de industrialização do Brasil no governo de Juscelino Kubitschek, foca no contexto histórico industrial que antecedeu esse período. O texto aborda os governos de Getúlio Vargas, Dutra e Café Filho, destacando as transformações políticas e industriais da época, além de explorar as relações políticas e os desafios enfrentados por Vargas, incluindo as tensões com os militares e a preocupação com uma possível "comunização" que contrariava os ideais capitalistas do exército.O artigo analisa o Brasil pós-Segunda Guerra Mundial, um período crucial que revelou "dois Brasis": um industrializado e desenvolvido, e outro rural e subdesenvolvido, este último predominante no Norte e Nordeste, marcado por latifúndios e a permanência da sociedade patriarcal. Em contraste, a região Sul do Brasil, impulsionada pela força de trabalho migrante e investimentos industriais, experimentou um crescimento significativo. Sérgio Buarque de Holanda, interpretado por José Carlos Reis, defendia a necessidade de romper com a herança portuguesa, como o patriarcalismo e a burocracia, para superar os obstáculos à modernização política, econômica e social do país.A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942, conforme Thomas Skidmore, permitiu uma mobilização econômica com a direção de João Alberto. As nações aliadas demandavam matérias-primas e bens manufaturados, o que possibilitou a Vargas negociar empréstimos de longo prazo com os Estados Unidos, resultando na construção da Companhia Siderúrgica Nacional, fundamental para o desenvolvimento da indústria automobilística, especialmente em São Paulo. Skidmore destaca que a pressão inicial pela industrialização sob a égide do Estado veio dos militares, e Vargas se tornou o "padrinho da industrialização".Em 1945, com a nova ordem liberal-democrática, Vargas permitiu eleições presidenciais após 15 anos de governo. A campanha dos "lenços brancos" de Eduardo Gomes, que atraiu a classe média em prol da democracia e do liberalismo econômico, foi um marco. No entanto, Vargas apoiou Eurico Gaspar Dutra, que venceu as eleições de 1945. O governo Dutra (1946-1950) foi considerado medíocre e um retrocesso no desenvolvimento industrial, apesar da situação financeira favorável do Brasil devido às exportações durante a guerra. A política liberal de Dutra, que resultou no esgotamento das divisas devido ao aumento das importações de bens de consumo, foi revertida em 1947, com a restrição de importações a itens essenciais como equipamentos e maquinários, estimulando a produção para o mercado interno. Skidmore descreve a industrialização durante o governo Dutra como espontânea, impulsionada por medidas econômicas paliativas, e não por um planejamento industrial.Em 1950, Vargas foi novamente eleito presidente, iniciando o que alguns historiadores chamam de "governo populista". Durante seu segundo governo, foram criadas a Petrobras e a Eletrobrás, ambas estatais, o que gerou atritos com os militares que viam tais estatizações como ideias comunistas. A oposição militar culminou no "Manifesto dos Coronéis". Para tentar apaziguar a situação, Vargas demitiu o Ministro do Trabalho, João Goulart. No entanto, Vargas foi perdendo o apoio militar e foi acusado de corrupção. Em 24 de agosto de 1954, Vargas cometeu suicídio, deixando uma carta que o imortalizou na história e paralisou a oposição.
Após o suicídio de Vargas, Café Filho assumiu a presidência em um período de tensões, com greves no Rio de Janeiro e São Paulo, e o surgimento das Ligas Camponesas no Nordeste, lideradas por Francisco Julião, que lutavam pela reforma agrária. Café Filho formou um ministério de direita, principalmente com membros da UDN, um partido conservador e opositor a Vargas. Em sua política econômica, Café Filho, sob a instrução de Gudin, abriu as portas para o capital estrangeiro, o que resultou em greves e conspirações militares.O artigo também detalha a industrialização automobilística no estado de São Paulo e região metropolitana antes do governo JK, onde empresas estrangeiras

como Ford e General Motors já operavam. Inicialmente, a produção focava em veículos grandes, como ônibus e caminhões, mas com o investimento em estradas, a produção de carros de passeio em larga escala foi incentivada. Em 1952, um plano nacional de estímulo à indústria automotiva priorizou o setor de autopeças, seguido por veículos de carga e, por último, carros de passeio. As montadoras, como a Volkswagen, inicialmente apenas montavam os veículos, com a maioria das peças importadas. A Grande São Paulo, incluindo o ABC paulista, tornou-se um importante polo industrial, contribuindo para a criação de empregos.

PALAVRAS-CHAVES: Industrialização. JK. Desenvolvimentista. Programa de metas.

INTRODUÇÃO

Este artigo contextualizará, através das ações dos presidentes da República do Brasil no período pós-Segunda Guerra Mundial, sobre a industrialização do Brasil. Será comentado sobre o fim do governo Vargas depois de 15 anos de um governo provisório, constitucional e autoritário. Dos governos seguintes, escolhidos através de eleições diretas, de Dutra (1946 – 1950) e Vargas (1951–1954). O suicídio deste último, e a posse de Café Filho.

A importância dessa contextualização feita nos governos anteriores ao de JK, deram-nos um direcionamento para estudarmos o que de fato foi desenvolvido antes dele.

Por meio das nossas referências bibliográficas, fica claro a grande contribuição que Getúlio Vargas deu para o processo de industrialização no Brasil, sendo chamado pelo brasilianista Thomas Skidmore de "padrinho da industrialização".

O BRASIL PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Aqui será analisado um período importante e decisivo no Brasil: o momento de pós-Segunda Guerra Mundial, no tocante a industrialização, em que mostrou "dois Brasis", um industrializado e desenvolvido e outro rural e subdesenvolvido. Dentro dessa realidade que o país passava, Carlos Guilherme Motta e Adriana Lopez definiram esse período como: desenvolvimentismo. (LOPEZ, 2008, p. 761)

O Brasil da região Sul compreendia os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, constituindo o país "moderno", industrializado "desenvolvido" e urbano, onde se fazia presente o trabalho assalariado e o braço do imigrante. O outro Brasil compreendia os estados do Norte e do Nordeste, dominados por latifundiários, proprietários de grandes extensões de terras improdutivas, o país "arcaico", rural, "subdesenvolvido", segundo o vocabulário da época. Neste, eram ainda mais visíveis as permanências político-culturais da sociedade patriarcal e da mentalidade escravista, cristalizadas ao longo da colonização de exploração. (LOPEZ, 2008, p.719)

Neste momento, no Brasil pós-Segunda Guerra Mundial, fica claro que a forma de sociedade patriarcal ocorrida no Nordeste demonstraria um atraso ao nível político e social, diferente do desenvolvimento industrial ocorrido no Sul do país. A força de trabalho do migrante agregado aos investimentos industriais feitos na região privilegiou o crescimento do Sul e Sudeste do Brasil. Portanto, nesse período, segundo Adriana Lopes e Carlos Guilherme Motta, o povo sertanejo era mais pobre e analfabeto. (LOPEZ, 2008, p. 720)

Aparentemente a herança da sociedade patriarcal, forte principalmente no Nordeste, foi culminante para o insucesso de seu progresso e, consequentemente, do seu desenvolvimento. Inclusive, para Sérgio Buarque de Holanda, interpretado pelo historiador José Carlos Reis (2007, p. 122), dentro de suas análises, afirmou que seria necessário romper com toda a herança portuguesa, dentre elas o patriarcalismo, a burocracia e até mesmo o sentimentalismo lusitano, que de certa forma não agregava em nada para a sociedade brasileira.

Raízes do Brasil é uma síntese interpretativa da trajetória brasileira que discute o seu presente e futuro, acertando as contas com o passado. S. B. de Holanda desvenda no presente as sobrevivências arcaicas, ainda ibéricas, que precisariam ser superadas. Ele quer identificar os obstáculos que entravam

a modernização política e econômico-social--mental do país. Esses obstáculos estão ligados às nossas raízes ibéricas, que devem ser recusadas e cortadas. (REIS, 2007, p. 122

Thomas Skidmore (1988, p.67) argumenta que a entrada formal do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942 deu oportunidade a um esforço de mobilização econômica em escala total sob a direção de João Alberto, o antigo tenente e interventor de São Paulo.
Os países aliados necessitavam de matérias-primas e bens manufaturados, essenciais para a guerra. Dessa forma Vargas conseguiu negociar com os estadunidenses a possibilidade de que eles contribuíssem para o desenvolvimento econômico do Brasil, fornecendo empréstimos a longo prazo do Export–Import Bank. O primeiro grande empréstimo foi para a construção da nova Companhia Siderúrgica Nacional.
Não é ocioso lembrarmos que essa companhia foi de grande importância para que mais tarde as indústrias de automóveis se desenvolvessem no país, principalmente na região de São Paulo e seu entorno metropolitano.
Concernente a esses empréstimos, os quais foram realizados pelo Brasil na época, Thomas Skidmore (1988, p. 71) afirma:

A pressão inicial a favor da industrialização, sob os auspícios do Estado, partiu dos militares, cujo apoio tinha sido a condição sine qua non do golpe de Vargas, em 1937. As ideias e a racionalização desta política vieram de conselheiros-empresários, como Roberto Simonsen e Euvaldo Lodi. Contudo, foi o hábil político Vargas que se tornou o mais conhecido padrinho da industrialização.

Como podemos observar no excerto supracitado, Thomas E. Skidmore definiu que Vargas de fato contribuiu e muito para a industrialização nacional, definindo-o como o padrinho da industrialização.
O ano de 1945 foi marcado pela nova ordem liberal-democrática. Este ato fez com que o então presidente Getúlio Vargas permitisse uma eleição presidencial. Durante 15 anos de um governo “estadista”, ocorreram algumas fases importantes, sendo elas a Provisória (1930-1932), a Constitucional (1932- 1937) e, por fim, uma fase em que alguns historiadores consideram de Ditadura (1937- 1945).
Dutra e Eduardo Gomes disputariam a presidência do Brasil para os cinco anos seguintes. Eduardo Gomes atraiu o interesse de setores da classe média dos grandes
centros urbanos, em torno da bandeira da democracia e do liberalismo econômico. Ela ficou conhecida como a campanha dos lenços brancos, um símbolo agitado pelos participantes dos comícios.

De abril a outubro de 1945 o lenço branco da campanha do brigadeiro – em homenagem à campanha de Teófilo Otoni no Império foi acenado por todo o país, numa mobilização que reunia dos liberais conservadores aos socialistas, passando pelos intelectuais engajados e estudantes. Uma campanha da classe média para cima, enfim; os setores mais populares, organizados em sindicatos ou associações afins, permaneceram em geral, fiéis à política trabalhista iniciada por Getúlio ou à palavra de ordem dos comunistas. 1(DANNEMANN, 2009)

Portanto, a campanha dos lenços brancos remetia a uma passagem do Império. Foi uma mobilização acontecida desde os liberais conservadores aos socialistas, em prol da política trabalhista de Getúlio Vargas.
Curiosamente, não foi Eduardo Gomes que Getúlio Vargas apoiou, mesmo com esse apelo de uma classe média favorável ao seu sistema trabalhista. Seu apoio acabou sendo ao candidato Eurico Gaspar Dutra.
Boris Fausto (1994, p. 398), ao analisar a campanha de Eurico Gaspar Dutra à presidência da República, considera que ele

Não entusiasmava ninguém e chegou-se mesmo a pensar em substituir sua candidatura por outro nome que tivesse maior apelo eleitoral. Mas, quase às vésperas da eleição, a 28 de novembro, Getúlio acabou por fazer uma declaração pública de apoio à candidatura de Dutra, embora ressalvando que ficaria ao lado do povo contra o presidente, se ele não cumprisse as promessas de candidato.

Um apoio de última hora foi importante para que as eleições de 1945 ganhassem

outro caminho, afinal Getúlio poderia ainda contar com a confiança do povo brasileiro. Aproveitou do seu poder de persuasão e, num discurso direcionado ao povo brasileiro, demonstrou todo o seu apoio ao candidato Eurico Gaspar Dutra, mostrando estar ao lado do povo caso o candidato apoiado não correspondesse as suas promessas eleitorais.

Getúlio Vargas passou o gabinete do Catete para o candidato vencedor das eleições, o capixaba Eurico Gaspar Dutra, que teve seu governo rotulado, de acordo com os historiadores Carlos Guilherme Motta e Adriana Lopez, como "um governo de mediocridade". (LOPEZ, 2008, p. 720)

Sem dúvida, Dutra teria um governo com responsabilidades enormes. Foram quinze anos que o Brasil havia passado com o mesmo presidente. Independente do regime provisório, constitucional e ditatorial, o Brasil avançou na industrialização, nas questões trabalhistas para o operariado, e estagnou-se numa ditadura de direita. Caberia, portanto, ao então presidente, continuar com o progresso industrial, porém, contribuir para uma nova implementação democrática.

Infelizmente, sabemos que a industrialização não deslanchou em seu governo, e por isso ele não foi capaz de promover a continuação do progresso industrial. Considera-se um governo mediano, em que sem dúvida poderia ter tido mais ações.

O governo de Eurico Gaspar Dutra mostrou-se ser um retrocesso no desenvolvimento industrial. Segundo Darcy Ribeiro, "só não tocou na legislação trabalhista e as grandes empresas estatais porque não pôde." (apud LOPEZ, 2008, p. 720)

No tocante a industrialização, o café ainda era importante para a economia nacional, mas sua exportação diminuiu bastante, provocando a queda de seu preço. Um dos fatores para essa queda foi a concorrência africana.

A exploração do petróleo era ainda precária, apenas melhorou em 1954 com a construção da Petrobras, no segundo governo de Getúlio Vargas. Como o historiador Boris Fausto (1994, p.403) afirmou:

A situação do Brasil no plano financeiro era favorável, pois o país acumulara divisas no exterior, resultantes das exportações nos anos de guerra. Apesar disso, a política liberal acabou fracassando. A onda de importações de bens de toda espécie, favorecida pela valorização da moeda brasileira, levou praticamente ao esgotamento das divisas sem trazer consequências positivas. Como resposta, em junho de 1947, o governo mudou de orientação, estabelecendo um sistema de licenças para importar. Na prática, o critério das licenças favoreceu a importação de itens essenciais, como equipamento, maquinaria e combustíveis, e restringiu a importação de bens de consumo. Levando-se em conta que o cruzeiro foi mantido em níveis altos em sua relação com o dólar, houve um desestímulo às exportações e um estímulo à produção para o mercado interno.

O Brasil, de certa forma, acabou se beneficiando da Segunda Guerra Mundial, pois obteve acúmulos de divisas no exterior devido ao grande volume de exportações, como já mencionamos, que se tratavam essencialmente de matérias-primas e produtos manufaturados, o que contribuiu à valorização da moeda brasileira. Houve um grande aumento de importações durante esse período, esgotando assim com as reservas. Por isso a política liberal não teve êxito. Foi em 1947 que o governo Dutra restringiu as importações de bens de consumo, permitindo apenas que viessem ao Brasil equipamentos industriais, maquinários e combustíveis.

O autor Skidmore (1988, p. 98) afirmou que se tratou de uma industrialização espontânea, a que ocorreu no governo Dutra, ou seja, aconteceu muito mais por algumas medidas econômicas paliativas do que um planejamento industrial.

Em 1950 surgiu uma nova era. Seria o início do que conhecemos como "governo populista". Vargas foi dessa vez eleito presidente do Brasil, sendo conhecido como a primeira fase de uma República Populista; tal afirmação não é unanimidade dentre os historiadores, por trás dessa questão existe todo um debate historiográfico concernente ao tema. Jorge Ferreira, por exemplo, considera-o como populista. Ângela de Castro Gomes, por sua vez, o vê como trabalhista e não populista. Talvez por ter colocado em prática as leis trabalhistas e por fora em seu

governo que houve a implementação da carteira de trabalho no Brasil.
Ainda sobre o populismo, tal forma de governo se prepondera com algumas características: de carisma pessoal, alguns discursos melodramáticos e do uso da propaganda massiva. Dessa forma, esse líder político se apropriaria de ser o porta- voz das massas, focando o seu discurso para projetos de inclusão social.
Com ajuda de sindicalistas e comunistas, no dia 3 de outubro de 1950, Vargas obteve 49% dos votos pelo PTB, derrotando Eduardo Gomes (UDN) e Cristiano Machado (PSD). Destarte, conseguiu juntar-se com as principais forças políticas nacionais da época, tendo a principal delas vinda de São Paulo por meio dos ademaristas, isto é, eleitores de Ademar de Barros, então governador de São Paulo, responsáveis por um quarto da votação nacional, cerca de 925.493 votos. (SKIDMORE, 1988, p. 108).

Foi nesse período que, além da Petrobras, já mencionada, Vargas criou a Eletrobrás, quando em abril de 1954. A estatização da Petrobras, que por motivos claros seria explorada somente pelo Estado, criou uma desavença com os militares. Visto que os princípios de estatização remetiam e muito às ideias comunistas, favoráveis a estatização dos bancos e das grandes indústrias, completamente contrária ao conceito do liberalismo, bastante praticado na maior potência e aliado do Brasil, os Estados Unidos. Dessa forma, foi lançado o "Manifesto dos Coronéis". Estes militares de média patente sabiam do apoio dado pelos comunistas e sindicalistas no governo Vargas.

Tais coronéis, oficiais conservadores ligados aos generais Juarez Távora, Osvaldo Cordeiro de Farias e ao brigadeiro Eduardo Gomes, estudaram em escolas militares americanas e dessa forma foram doutrinados com a tensão da Guerra Fria. Era o mundo Capitalista versus o mundo Comunista. De certa forma Getúlio herdou um acordo que começou em seu próprio governo, no período ditatorial, no qual houve a participação do Brasil juntamente com os países aliados na Segunda Guerra Mundial. O que talvez Getúlio Vargas não deu conta eram das grandes influências que os Estados Unidos já estavam tendo na política e economia do Brasil.
Com esse impasse, entre o governo e os militares, a forma que Getúlio Vargas encontrou para amenizar o clima tenso foi demitindo o então Ministro do Trabalho, João Goulart.
Sem dúvida, essas medidas de manter tanto a Petrobras quanto a Eletrobras em poder do Estado não agradariam mesmo os militares, pois, na época, eles alegavam ser uma prática comunista tais estatizações. Dessa maneira, Vargas foi perdendo o apoio dos militares e, posteriormente, acusado por eles de ter em seu governo corrupção e clientelismo.
No dia 24 de agosto de 1954, findou-se a primeira fase da República Populista, assim definida por Adriana Lopez e Carlos Guilherme Motta (2008, p. 723). Vargas suicidou-se, deixando para o povo brasileiro uma carta, com frases de efeito, como: "Lutei contra a espoliação do Brasil", e: "Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história".
.Getúlio Vargas encontrou, por meio da sua própria morte, uma saída, que acabou tornando-o uma das principais figuras políticas do Brasil até hoje, e, no momento, de praticamente anular a oposição que tanto o perseguia.
Nesta carta Getúlio evidenciou que tais perseguições, aparentemente militares, o pressionaram a tomar tal ação; no caso, o suicídio. Tinha convicção que essa era a melhor saída para o Brasil, e, claro, cravaria de uma vez por todas seu nome na história do Brasil.
O autor Lucas Rodrigues da Motta Pires diz que
Foi um tiro certeiro, único, sem necessidade de tanques nas ruas ou soldados a oprimir revoltosos. Um tiro certo de uma simples pistola que o atingiu no peito e no coração, matando-o e colocando-o acima dos acontecimentos de então. Vargas paralisou a oposição, inflamou as massas com seu último discurso, póstumo, repetido à exaustão nas rádios no decorrer de todo o dia
24 de agosto de 1954. O golpe, que estava em marcha já vitorioso, foi derrotado com um tiro. Um tiro e uma carta, que logo foi chamada de carta- testamento. (PIRES, 2006, p.10)
De fato, Getúlio Vargas foi, segundo Lopez

e Motta, um estadista carismático. Conhecido como "pai dos pobres" e "mãe dos ricos"; nacionalista e populista para alguns, e trabalhista para outros. Sua queda teve como estopim a sua briga com o ex- comunista Carlos Lacerda, que havia passado a ser de direita e o acusava de acobertar as corrupções ocorridas no Catete.

Sendo assim, Café Filho assumiu a presidência do Brasil num período tenso, com greves no Rio de Janeiro e em São Paulo. E no Nordeste foram formadas Ligas Camponesas, comandadas por Francisco Julião2.

Essas Ligas Camponesas eram organizações de camponeses em prol da luta pela reforma agrária, oriundo do sertão pernambucano. Foi considerado o movimento mais importante pela reforma agrária no Brasil até o golpe de 1964.

João Fernandes Campos Café Filho, potiguar, sem grandes formações intelectuais, formou um ministério de direita, tendo como maioria ministros udenistas, visto que ele tinha medo de que os nacionalistas tomassem o poder pela via popular. A União Democrática Nacional (UDN), fundada em 7 de abril de 1945, era um partido conservador, opositor ao governo e a figura de Vargas.

No âmbito econômico, do governo Café Filho, Motta e Lopez mostraram que

> na política econômica, Café Filho, instruído por Gudin, tomou medidas que escancaravam as portas para o capital estrangeiro, o que fez o PUA deflagrar uma greve reunindo um milhão de trabalhadores. Os militares passaram a conspirar abertamente, tentando impedir a posse, mas não contaram com a relação de lideranças parlamentares antigolpistas e personalidades da sociedade civil. (LOPEZ, 2008, p.760)

Quando Café Filho assume a presidência, ele contaria com um ministério com nomes da UDN, se precavendo politicamente de prováveis conspirações militares, além é claro de poder governar com uma oposição que não tivesse a UDN. Ele mesmo havia confessado que o seu governo não havia feito nenhuma tentativa para ser popular, mas pretendia apenas levar adiante uma série de medidas essenciais em curto prazo. Indubitavelmente, a estabilização econômica predominava em seus planos. (SKIDMORE, 1988, p.187)

Desde o governo Vargas empresas estadunidenses e europeias, unidas com grupos brasileiros, elaboraram planos industrializantes. Segundo o historiador Antonio Luigi Negro, em sua tese de doutorado, esse processo foi feito de forma lenta, paulatina e progressiva, no ABC e na capital paulista. Traçando uma cadeia de linhas de montagem, refletiram a um ensaio estratégico de estímulo à implantação gradativa da indústria automobilística no Brasil. (NEGRO, 2001, p. 6)

Este esquema foi elaborado pela Subcomissão de Jipes, Tratores, Caminhões e Automóveis3 no Plano Nacional de Estímulo à Produção da Indústria de Autopeças e à Implantação Gradativa da Indústria Automobilística (de outubro de 1952). Na época houve restrições às importações, protecionismo do mercado interno e um projeto industrializante de três etapas, definindo o desenvolvimento do setor de autopeças como prioritário, o de veículos de cargas e utilitários em seguida e, em terceiro, o dos carros de passeio. (NEGRO, 2001 p. 6)

Em São Paulo, a Ford Motor Company Exports (FCME) abriu sua oficina na Rua Sólon, localizada no bairro do Bom Retiro em 1919. Nos anos de 1950, passou a operar no Ipiranga com instalações espaçosas, próxima a linha férrea. Na cidade de São Caetano do Sul, a General Motors do Brasil (GM), funcionava desde a década de 1930, montando caminhões, utilitários e ônibus. E a construção da usina de São José dos Campos foi planejada em 1953.

Apesar de todas essas montadoras terem instalações consideravelmente grandes, nelas, apenas, eram montados os carros, a grande maioria das peças vinha do exterior, embalados em caixotes de madeira. Assim, a Volkswagen também
recorreu a este modelo de montagem antes mesmo da inauguração no Mega Complexo localizado na cidade de São Bernardo do Campo. Ela havia ainda montado um galpão na Rua do Manifesto para a montagem de Fuscas e Kombis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo vimos, como eram montados os

veículos antes das linhas de montagens das grandes montadoras trabalharem a todo o vapor, mencionou-se, também, qual era a preferência dessas montagens, onde era priorizado a montagem de veículos grandes como ônibus e caminhões.

Falou-se rapidamente sobre a indústria automobilística, que contribuiu bastante para a criação de empregos, em especial na região conhecida como a Grande São Paulo, que junto com a capital São Paulo, teve ao seu redor cidades como São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Santo André, formando o ABC paulista, um dos maiores polos industriais do Brasil.

A contextualização feita foi importante para compreendermos como a industrialização vinha sendo tratada pelos presidentes anteriores, mostrando, por exemplo, a forma de política nacionalista de Getúlio Vargas, bem diferente ao desenvolvimentismo de JK, que usou e abusou do capital externo para manter firme e forte as suas promessas de campanha e logo as do próprio Programa de Metas.

Tais medidas colocariam a economia e a política em situações praticamente insustentáveis no governo seguinte. A inflação foi, sem dúvida, um grande problema para a economia brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANNEMANN, Fernando Kitzinger. 1945 - A UDN e a frente ampla. Fernando Dannemann: contador de histórias, [S.l.], 08/01/2009. Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?idt=1374500>. Acesso em: 04/11/2010.

FARO, Clovis de. O Brasil de JK. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

. História do Brasil. 13. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

GOMES, Angela de Castro (Org). O Brasil de JK. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

LOPES, Adriana; MOTTA, Carlos Guilherme. História do Brasil: Uma interpretação. 1. ed. São Paulo: SENAC, 2008.

MENDONÇA, Sonia Regina. A Industrialização brasileira. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

. Estado e Economia no Brasil: Opções de Desenvolvimento. 1. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

NEGRO, Antonio Luigi. Linhas de Montagem: O industrialismo Automotivo e a Sindicalização dos Trabalhadores (1945 – 1978). Tese de Doutorado UNICAMP 2001

PIRES, Lucas Rodrigues da Motta. O Brasil de Juscelino Kubitschek. 1. ed. São Paulo: Landy, 2006.

REIS, José Carlos. As Identidades do Brasil (vol. 1). 9. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

Revista Coleções Caros Amigos. Ed. Caros Amigos. A ditadura militar no Brasil: a história em cima dos fatos. (2007) – São Paulo.

SILVA, Salomão L. Quadros. O Brasil de JK. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. SKIDMORE, Thomas E. Brasil: De Getúlio a Castelo. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Luiz Eduardo Simões. Políticas Públicas em São Bernardo do Campo no Pós-Guerra: 1945 – 1964 – Dissertação Mestrado USP – 2002.